

TELEJORNALISMO, DISCURSO E GÊNERO:
DESAFIOS NA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS
MULHERES RONDONIENSES

Evelyn Iris Morales Leite Conde
Lilian Reichert Coelho
Universidade Federal de Rondônia – UNIR



2014

Índice

Introdução	2
1 Questões teóricas sobre gêneros e feminismos na contemporaneidade	3
2 A ACD como ferramenta teórico-metodológica para a compreensão das relações de gênero no telejornalismo	5
3 Configurações do telejornalismo em Rondônia	7
4 Definição de operadores e análise do <i>corpus</i>	11
Considerações	14
Bibliografia	15

Resumo

O objetivo central deste trabalho, parte de um projeto em andamento financiado pelo CNPq, é discutir os modos como as mulheres rondonienses são representadas no telejornalismo de referência produzido no estado de Rondônia. Do ponto de vista teórico, propõe-se analisar o corpus pela interseção entre a Análise Crítica do Discurso e os Estudos Contemporâneos sobre Gênero. Trata-se de verificar a construção midiática do discurso sobre as mulheres da região, estabelecendo-se como hipótese a ideia de que a mídia televisiva local apenas reproduz o discurso dominante o que, entretanto, pode ser revertido, a partir do inventário de caminhos que apontem para a mudança social através do discurso (Fairclough, 2008; Van Dijk, 2008). No que diz respeito às relações de gênero, entende-se que não podem ser estudadas de modo desespacializado, ou melhor, desterritorializado mas, ao contrário, devem ser observadas no “espaço efeti-

vamente vivido” (cf. Soja, 1993) pelos sujeitos, no caso, as mulheres. Assim compreendido, a argumentação desenvolvida considera que as mulheres herdaram, erigem e vivenciam suas subjetividades de modo situado, em lugar que tem história – discursivamente construída –, a partir das relações de poder, que se sobrepõem à experiência de gênero dos indivíduos, através de valores, símbolos, normas, sanções e, por que não dizer, preconceitos. Mas, para que mudanças efetivas possam ocorrer, seria necessário considerar as etnoterritorialidades, o que os telejornais locais não fazem, representando as mulheres como um todo indecomponível, sem observar a heterogeneidade da população de mulheres da região, em vários níveis. Por esse prisma e fiel à proposta do trabalho, problematiza-se também o chamado jornalismo regional na mídia televisiva.

Introdução

TODA organização espacial é constituída por diversas disputas de poder (cf. Foucault, 2006), pois “a distribuição das atividades, a localização das pessoas, as vias de circulação, etc. estão calcadas por relações não só econômicas, ou culturais, mas políticas, e a sua expressão mais nítida é a delimitação do território” (Evangelista, 2006, p. 01). Isto pressuposto, entende-se que relações profundas entre aspectos socioambientais, territoriais, culturais e políticos incidem nas subjetividades alojadas em determinado *locus* e é por essa senda que se conduz o presente estudo das representações da mídia de referência do Estado de Rondônia sobre as mulheres.

Para tanto, estabeleceu-se como recorte para composição do *corpus* de análise uma

data comemorativa institucionalizada, o Dia da Mulher, oito de março de 2011. A data é analisada nos telejornais que circulam diariamente por todo o estado de Rondônia, a saber: telejornais vespertinos e noturnos, respectivamente, Amazônia TV e Jornal de Rondônia, da TV Rondônia (afiliada Rede Globo); telejornal Allamanda Revista, da TV Allamanda (afiliada SBT); e RO Record, da TV Candelária (afiliada Rede Record/Record News). As exibições contemplam produções de reportagens especiais executadas por repórteres mulheres que caracterizam os feminismos no contexto de profissões convencionalmente masculinas, mas exercidas por mulheres, além de fatos relacionados ao consumo/presenteio de produtos direcionados à mulher como, por exemplo, flores. Também é observada a tratativa comportamental com reportagem voltada à pesquisa Ibope Mídia sobre o que as mulheres consideram importante na esfera das microrrelações cotidianas.

Assim, do ponto de vista da relação entre espaço, práticas sociais, discurso e sujeito, vale apontar, em consonância com Butler (2008, p. 24), que o “eu” não é apenas situado, mas constituído por um poder autorizador ou por um conjunto de poderes que atuam no estabelecimento de posições de sujeitos na sociedade. Por “posições de sujeito” Butler (2008) entende os “princípios organizadores embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, matrizes de poder e discurso que nos produzem como sujeitos viáveis.”

Mecanismo importante de veiculação de discursos e formas autorizadas de poder na sociedade contemporânea é, inegavelmente, a mídia, com destaque para o jornalismo, prática social responsável pela mediação

entre esferas, sujeitos e discursos sociais. A rigor, a comunicação, como prática social e discursiva, deve ser entendida sempre como relação dialógica entre sujeitos objetivamente localizados, cujos modos de ser e de estar no mundo não são puros, mas constituídos fundamentalmente por discurso, o que significa serem “impregnados pela configuração social” (Fiorin, 2009). E, no cenário rondoniense contemporâneo, os discursos hegemônicos sobre as mulheres são visivelmente reproduzidos pelo telejornalismo de referência, como se pretende demonstrar.

1 Questões teóricas sobre gêneros e feminismos na contemporaneidade

Em texto no qual inventaria e problematiza a emergência da História das Mulheres como campo de estudo da Historiografia, bem como as disputas que envolveram a consolidação da produção feminista no universo científico, Scott (1992) refere que, inicialmente, instituiu-se como categoria fundamental “mulheres” (nos anos 1960), suplantada posteriormente pela noção de “gênero” (nos anos 1980), estudada pelo viés da diferença (tanto física quanto derivada de conotações sociais). Na década de 90 do século XX, o questionamento sobre as diferenças no interior da diferença, cujo escopo epistemológico localizou-se nas contribuições pós-estruturalistas, provocou questionamentos verticais sobre concepções binárias e/ou universalizantes que orientavam tais estudos (cf. Mariano, 2008).

Assim, amadurecidas ainda mais as (in)definições inerentes ao “campo”, assumiu-se como entraves o tratamento de

“mulheres” como categoria universal – pois, caracterizando-a como identidade isolada, percebeu-se a desconsideração das múltiplas possibilidades subjetivas contextuais – e também as relações com outras formas de vivenciar a subjetividade, como se verifica na contemporaneidade, com o “aparecimento” dos chamados novos sujeitos no âmbito das Ciências Sociais. Na concepção de Scott, mulher, como grupo ou categoria, não teria estofa suficiente para alcançar o *status* de objeto científico, podendo ser pesquisado somente pelo instrumento analítico, gênero, este sim de múltiplas e complexas significações. Por gênero, concebe-se a “(...) condição cultural que nos identifica como homens ou mulheres (cf. Louro, 1998).” Em que pese a força aparentemente restritiva do termo “cultural”, ele serve para indicar que existem relações entre os gêneros que não devem ser compreendidas como naturais, mas como originárias de engendramentos arbitrários, instituídos violentamente na dinâmica social espacializada.

Nesse sentido, Scott (1998, p. 141) propôs que gênero devesse ser entendido como: 1. “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e 2. uma forma primeira de representar as relações de poder”. Esta definição foi desmembrada por Brito (2005, p. 23) da seguinte maneira: constituiriam a primeira proposição as representações simbólicas culturalmente disponíveis; os conceitos normativos presentes nas diversas áreas da sociedade; a identidade subjetiva; a presença do político, do econômico, do educacional, do parentesco no processo de construção do gênero. A segunda proposição referir-se-ia à ideia do gênero visto como “(...) campo básico onde o poder é articulado, através do

controle ou acesso diferenciado aos recursos materiais e simbólicos.”

Do exposto, depreende-se que, na visão de Scott, as diferenças entre os sexos constituem aspecto primário da organização social, sendo fundamentalmente culturais, portanto, normativas, o que tem reverberações nas trocas simbólicas cotidianas e nas construções discursivas no interior de práticas sociais específicas. Inegavelmente, é o caso dos meios de comunicação, o que se pode evidenciar pelo telejornalismo produzido no estado de Rondônia sobre o qual, de antemão, pode-se afirmar que apenas reproduz o senso comum ao abordar questões relativas a gênero.

A despeito e a partir da salutar multiplicidade de pontos de vista localizáveis no interior dos Estudos sobre Gêneros e Feminismos, Kofes (2009, p. 28-29) pontua que, do ponto de vista teórico, ao se optar pela noção de gênero, alarga-se o campo categórico e de sentidos, o que contribui para o enfrentamento das disputas internas ao campo científico e para mudanças sociais e discursivas efetivas. Assim, ao se conceber gênero como categoria analítica, portanto operacional, deve-se concentrar o olhar não apenas nas subjetividades sob foco, mas nos modos de imbricamento das relações entre diferentes formas de subjetividade. Logo, no caso em tela, é fundamental observar como “as diferenças construídas socialmente resultam em critérios de distribuição de poder, portanto, em como se constroem as relações de subordinação” (cf. Mariano, 2008) em determinado contexto.

Assim, seguindo as orientações da teoria contemporânea, pretende-se aqui, por meio de análise pontual da representação simbólica das mulheres rondonienses na mídia local/regional, localizar elementos que contri-

buam para a percepção do processo social da construção e da manutenção dos lugares de gênero. É evidente que as mencionadas teorias postulam a não existência de uma categoria como “mulheres rondonienses”, indicando a necessidade de compreender as nuances existenciais, vivenciais e subjetivas. No entanto, argumenta-se que, dado o estágio preliminar da pesquisa e considerando o próprio modo como a mídia televisiva local – mais notadamente o telejornalismo – constrói o discurso sobre as mulheres (justamente generalizando), optou-se pela abordagem centrada em “mulheres rondonienses” como tema deste estudo. É óbvio que, tal como apregoam as pesquisas mais atuais sobre o assunto, não se pode generalizar pois, como se notará na própria análise do *corpus* aqui empreendida, há uma série de fatores de diferenciação que não pode(ria)m ser desprezados.

Sobre isso, vale notar que, por diferenciação, Woodhead (2002) entende os processos pelos quais as atividades sociais tornam-se distintas e distinguíveis em diferentes instituições, instaurando funções diferenciadas a certos agentes. Por isso, a mesma autora sublinha a necessidade de compreensão dos espaços sociais disponíveis às mulheres na sociedade. Acrescente-se a isso a necessidade de se observar como as forças sociais práticas e discursivas se impõem no sentido de manter a estrutura diferencial em curso, de que recursos se valem e também como se articulam as forças contra-hegemônicas pois, como provoca Butler (1998, p. 22-23), deve sempre figurar na base de qualquer pesquisa dessa natureza a questão: “Como uma posição se torna uma posição?”. Isto significa que os próprios fundamentos (sociais e teóricos) devem ser rigorosa e vigilante-

mente questionados, e o discurso deve ser visto como lugar privilegiado de “disputa política permanente”. Visto por esse prisma e considerando que todo enunciado, como produto da enunciação, é dialógico por natureza – já que este constitui “o modo de funcionamento real da linguagem”, que se caracteriza como “lugar das contradições sociais”, isto é, o *locus* onde a pluralidade – ao menos, a bivocalidade – de vozes existe concretamente em intensa batalha (Fiorin, 2009) –, entende-se que as posições de sujeito estão em constante embate pela hegemonia. É nessa perspectiva que, no escopo da discussão que interessa a este trabalho, são apontadas possibilidades profícuas de articulação entre as Teorias contemporâneas sobre Gêneros e Feminismos (doravante TCGF e EGF) e a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), como exposto abaixo.

2 A ACD como ferramenta teórico-metodológica para a compreensão das relações de gênero no telejornalismo

Alguns pressupostos dos EGF também balizam a ACD, instrumento teórico-metodológico que se julgou rentável para a leitura aqui proposta. São vários os pontos de tangência, como se expõe de modo sumário. Ambos os posicionamentos teóricos em tela alinham-se em diversos aspectos, dentre os quais se destaca com nitidez genealógica a filiação pós-estruturalista, cujas propostas são abarcadas, mas não sem ponderação e problematização. É na esteira dos estudos pós-estruturalistas que os EGF desnudam a contingência dos conceitos tradicionais e dos próprios modos de se vi-

venciar a(s) subjetividade(s), explicitando os atos de domínio conceitual preponderantes em diversos campos (sociais, discursivos, institucionais) como vontade de poder.

Ambos partilham a defesa do entrelaçamento orgânico entre discurso, prática social e política, aferindo à categoria “poder” *status* sobrelevado para o entendimento dos sistemas de diferenciação social (cf. Scott, 1992; Fairclough, 2008; Van Dijk, 2008), sendo poder definido “(...) em termos dos processos discursivos que produzem diferença” (Scott, 1992, p. 90). Outra convergência assinalável é a “luta contra os processos de ‘naturalização’ de qualquer ordem” (cf. Mariano, 2008), contra o que se insurgem, denunciando estratégias de dominação tanto nas práticas sociais quanto nos discursos. Para que isso se efetive, ambas as perspectivas alinhavam noções teóricas e ferramentas metodológicas por viés multi e transdisciplinar, a fim de conhecer a fundo a realidade social, os liames discursivos e, assim, apresentar alternativas aos modelos vigentes. O objetivo final não é restrito à denúncia, mas à emancipação, de modo que “as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas” (Fairclough, 2001, p. 112).

Dada a multidisciplinaridade que lhe é intrínseca, não há consenso conceitual no interior das teorias sobre o discurso. Por isso, é sempre relevante situar o lugar de onde se fala ao se abordar tal noção, a fim de evitar mal-entendidos ou leviandades. Fairclough (2008) defende o que denomina “conceito multidimensional de discurso”, orientado pelo esforço de congregar uma análise linguística (mais tradicional no que diz respeito ao campo dos estudos do

discurso) e a Teoria Social. Com isso, crê alcançar um sentido “socioteórico” de discurso que, em tese, suplanta as análises de cunho exclusivamente linguístico. De acordo com tal orientação, embasada nas contribuições de Foucault, qualquer “evento discursivo” é considerado texto, definido como exemplar concreto resultado da junção entre prática discursiva prática social.

No entanto, operacionalmente, trata-se de distinguir duas dimensões diferentes: a do texto propriamente dito (verbal escrito ou produzido a partir de outros regimes semióticos) e a da prática discursiva, entendida como interação, na medida em que se ocupa dos processos de produção, circulação, conjugação (interdiscurso) e interpretação textual. Daí deriva a importância da teoria social, sem a qual é impossível, apenas pela mirada no texto, evidenciar “as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/constitutivos referidos” (Fairclough, 2008, p. 22). Em suma, a argumentação do referido autor ancora-se na defesa da Análise Crítica do Discurso como uma teoria social do discurso, o que significa dizer que mudanças discursivas podem gerar mudanças sociais efetivas e vice-versa. No entanto, mudanças sociais e/ou discursivas no interior de determinado campo dependem da história, da estruturação interna de cada campo e do interesse de seus agentes. E, em geral, os campos lutam para construir identidade, regras e formas de pertencimento, pronunciamento e comportamento próprias e, ao alcançarem tal *status*, lutam para manter-se, através do desempenho das forças conservadoras, que impõem mecanismos de (auto)sustentação e regulação.

3 Configurações do telejornalismo em Rondônia

Quanto à comunicação em Rondônia, apresenta-se breve contextualização da dinâmica de ocupação do estado, para caracterização de sua relação com a mídia e, especialmente, a televisão. Ocupação esta que segue desde o período colonial nos Vales Guaporé, Mamoré e Madeira como ponto inicial para a colonização local. Ao descrever o cenário inicial local, Oliveira (2001, p. 15) indica que “a Amazônia foi dividida em áreas de atuação catequética das diversas ordens e congregações religiosas católicas, sob o regimento da Carta Régia de 1693”, como boa parte da região, pois a Amazônia foi rota das expedições originadas por representantes tanto do Mato Grosso quanto do Pará, ordenadas pela coroa portuguesa.

Com isso, Rondônia foi alvo dos jesuítas, interessados na região do Rio Madeira para exploração de ouro e prata, resultando na fundação da Aldeia de Santo Antônio, primeiro povoamento organizado reconhecido, à margem direita das cachoeiras do Madeira, em 1737, sob a guarda do padre João Sampaio, como descreve Borzacov (2007).

Em brusca e breve assimilação histórica, desde o início século XVIII até os dias atuais, Rondônia registra vários ciclos de ocupação e exploração de recursos naturais que originam a mescla de culturas e identidades presentes nos mais de 50 municípios do estado. Dentre as histórias em circulação, relata-se a corrida ao “vale do ouro”, com a busca por pepitas do Rio Madeira na primeira metade dos anos de 1700 e logo contida pela Coroa portuguesa; logo viriam as ações voltadas à extração do látex, impulsionadas pelo reco-

nhecimento europeu da borracha, o que desencadeou demanda expressiva ao longo dos anos de 1867 a 1910, atraindo milhares de retirantes de outras regiões do Brasil à Amazônia, especialmente, nordestinos.

Por razão da exploração da borracha, em seu segundo ciclo (1939-1945), é que surge o território Federal do Guaporé, dando origem, em 1943, à capital, Porto Velho; houve ainda, de 1872 até 1912, a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, com o objetivo de escoar a produção local via Oceano Atlântico e, para se chegar a tal destino, um cruzamento Rondônia/Acre/Bolívia através de uma ferrovia, fatos relatados por Silva (1991). O histórico da construção rendeu mortes por doenças tropicais, conflitos indígenas e a utilização de mais de 20 mil trabalhadores de várias regiões do Brasil, norte da América, Espanha, Portugal, Alemanha, Itália, Colômbia, entre outros países; em 1952, a descoberta de jazidas de ouro e cassiterita impulsiona uma ocupação repentina, desenfreada e desestruturada em Rondônia. O fluxo de mineradores e o resultado da exploração foram tão expressivos que a extração de cassiterita na região correspondia a 50% de toda a produção nacional, em dez anos de trabalho. O ouro atraiu mais pessoas e provocou um inchaço populacional que, depois, declinou por causa da baixa exploração durante a década de 1980, período da criação do Estado de Rondônia, em 22 de dezembro de 1981; seguindo na história, a construção da BR-364, que liga Acre e Rondônia ao Centro-Oeste, Sul e Sudeste do país, também atraiu muitos brasileiros, principalmente ao término de sua implantação, em 1984 (Oliveira, 2001).

Os 1980 foram época de nova reestruturação do estado, com a povoação expressiva

de sulistas – ao sul de Rondônia – e nordestinos – ao norte do estado; a recente observação sobre ocupação do estado revela aumento populacional expressivo resultante da construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, com geração de mais de 20 mil postos de trabalho e profissionais de vários estados do país. É neste cenário histórico de ocupação que Rondônia consolida seus veículos de comunicação. E, por recente, os relatos sobre televisão ou telejornalismo local apresentam poucos registros oficiais ou científicos compilados em obras literárias no segmento Comunicação local e nacional. Logo, as informações deste trabalho têm como referência *sites* dos próprios veículos de comunicação, literatura da área de história regional ou de obras não científicas sobre o jornalismo no estado.

Como é possível depreender do acima exposto, nota-se com facilidade, dos pontos de vista cultural e identitário, que a ampla mistura cultural foi determinante na formação da(s) identidade(s) de Rondônia que, devido à emancipação recente como unidade da federação, ainda está em processo, recebendo contribuições contínuas. Mesmo assim, é possível falar em identidade regional, se entendida como algo que não é dado

(...) pelo espaço onde se nasce, ela emerge de um trabalho de subjetivação, ela é a constituição de uma dada subjetividade através das relações sociais e da incorporação consciente ou não das narrativas que definem este ser regional (Albuquerque Jr, 2008, p.8).

Sendo este ser regional envolvido pela subjetividade para incremento ou modificação da cultura, compreende-se que não só as

relações sociais são determinantes neste processo. A evolução da forma de se comunicar também lança novas maneiras de interrelação.

Sobre o foco deste estudo, o conteúdo relatado sobre o discurso jornalístico na televisão regional sobre a expressão do gênero feminino aponta a não-regionalização relacionada a uma cultura fixa, própria de determinado lugar. O conteúdo assemelha-se à incorporação mencionada por Albuquerque Jr (2008) como dada por um trabalho de subjetivação, uma vez que trata do sujeito de um determinado local sem caracterizações únicas, evidentes deste determinado local – se é que é possível identificar com nitidez as características de espaços tomados pela miscigenação e exploração constante, com o fluxo migratório por conta do desenvolvimento regional.

No que tange à comunicação social, o veículo audiovisual em Rondônia foi precedido por outros meios de comunicação locais, como a primeira edição de notícias impressas, em 1891, através do jornal *Humaythense*; a tão esperada linha telegráfica do então major Cândido Rondon, com implantação inicial em 1907, prevendo transmissão entre Cuiabá e Vila de Santo Antônio do Rio Madeira; um ano depois, a instalação das primeiras linhas telefônicas do canteiro de obras do complexo Madeira-Mamoré, com direito a telégrafo de Rondônia a Nova Iorque; a primeira reportagem fotográfica da região, pelas lentes do norte-americano Dana B. Merrill; o alternativo jornal-mural *O Bilontra*, com circulação nos postes de Santo Antônio; referencia-se também a composição da radiotelegrafia ZVP 2ª, em 1948, descrita por Borzacov (2007) como um dos principais recursos eletrônicos de comunicação

social instalados em Porto Velho à época, entre outras tantas datas e ações históricas na comunicação antes da primeira metade do século XX em Rondônia.

Fato curioso na história da comunicação rondoniense, datado na década de 1970, é a chegada da televisão antes mesmo de emissoras de rádio ou veículos impressos em alguns municípios do interior do Estado. É o caso da implantação da TV Vilhena – TV Rondônia, do grupo Rede Amazônica, que surge no sul do estado antes da primeira retransmissora de radiodifusão local.

Albuquerque (2009) refere que o primeiro sinal de TV em Rondônia, em circuito fechado, ocorreu em 1969, quando o diretor de uma rádio local realizou o feito na Avenida Carlos Gomes, na capital Porto Velho. Com o sucesso da experiência, o diretor, Victor Hugo, adquiriu na Itália câmeras e uma TV de 14 polegadas, iniciando uma transmissão experimental com peça teatral, informes gerais e esportivos. A emissora era a TV Cultura, canal 11, que se manteria com equipamentos eletrônicos descartados da Rede Globo de São Paulo até 1974.

No mesmo ano do fim da transmissão da TV Cultura, entra em operação a primeira emissora, logo em rede, do Estado: TV Rondônia. Afiliada da Rede Globo, a emissora faz parte da Rede Amazônica de Rádio e Televisão, fundada em 1972, no Amazonas, e engloba os estados de Rondônia, Acre, Amapá e Roraima, com sede e direção de jornalismo e comercial local em cada capital, respectivamente, Porto Velho, Rio Branco, Macapá, Boa Vista e sede geral da Rede em Manaus (PORTAL Amazônia, 2011).

A rede estrutura-se na década de 1980, com a retransmissão de sinal da TV Amazonas aos municípios do interior de cada es-

tado. Em Rondônia, a configuração apresenta, inicialmente, cinco municípios com produção local: TVs Ariquemes, Guajará-Mirim, Ji-Paraná, Cacoal e Vilhena, com percentual de produção de telejornalismo local e reprodução de conteúdo regional e nacional em sua grade diária.

Posteriormente, surgem os grupos Meridional – Bandeirantes e Rondonópolis – SBT (este operado antes pelo Sistema Gurcaz de Comunicação), na mesma década da implantação do Sistema Imagem de Comunicação, composto por emissoras de rádio e televisão, incluindo afiliadas da TV Record e Record News. Sob a direção dos empresários Everton Leoni e Elton Leoni, o SIC foi fundado em 1983 e, somente a partir da década de 1990, passou a retransmitir o sinal da TV Record em Rondônia, inicialmente apenas na capital.

Em 1995 o SIC implanta a primeira TV do grupo no interior do Estado em Ji-Paraná e, logo, o mesmo aconteceria nos municípios de Cacoal, Jarú, Pimenta Bueno, Espigão do Oeste, Nova Brasilândia e Alvorada do Oeste (TV Candelária, 2001). Já a afiliada Record News surge em 2008, com transmissão aberta no canal 58 local.

Entre as emissoras abertas com instalação mais recente em Rondônia está a Rede TV, com a primeira transmissão no ano de 2001, em Ji-Paraná, município do interior, a 373 quilômetros da capital e com segunda maior população do estado (IBGE, 2011). Em pouco tempo, a Rede TV Rondônia, pertencente ao Sistema Gurgacz de Comunicação, amplia o sinal para capital e as cidades de Vilhena, Cacoal, Rolim de Moura, Ariquemes e Guajará Mirim, totalizando 16 emissoras afiliadas e transmissão via satélite a partir de 2004 (Rede TV RO, 2011).

Albuquerque (2009, p. 61) relata que, “no início do século XXI todas as grandes redes de televisão do país já funcionavam em Rondônia, incluindo a rede regional ligada à Assembleia de Deus, a TV Boas Novas e Rede Vida – ambas com conteúdo da igreja católica e as redes regionais Amazon, com sede em Manaus”.

Atualmente, a estruturação do telejornalismo em Rondônia está inserida na grade de programação de emissoras afiliadas dos grupos de comunicação Rede Globo, Rede TV, SBT, Record e Record News, respectivamente, TV Rondônia – Rede Amazônica, Rede TV Rondônia – Sistema Gurgacz de Comunicação, TV Allamanda – Grupo Rondovisão e TV Candelária – Sistema Imagem de Comunicação.

TV *Rondônia* – a produção regional segue padrão nacional com os telejornais Bom Dia Amazônia, Amazônia TV, Jornal de Rondônia, com transmissão ao vivo nos períodos matutino, vespertino e noturno.

TV Allamanda – com produção local e independente da grade nacional, a programação é composta por dois jornalísticos com conteúdo comportamental e de editoria policial, Allamanda Revista e Allamanda Hoje, exibidos diariamente no início da tarde.

A caracterização destes programas como de variedades se dá pela dinâmica de produção, que contempla a utilização de gêneros publicitário, noticioso e de entretenimento voltados para públicos com interesse em informações sobre vagas de emprego, fatos policiais e comportamentais em datas comemorativas institucionalizadas, além de entretenimento variado local.

TV Candelária – a grade de programação da TV Candelária é parcialmente independente das execuções nacionais, com produ-

ção dos jornalísticos Candelária Debate, Câmera 11, RO no AR, RO Record, Rondônia Repórter. O telejornal selecionado para o recorte desta pesquisa, RO Record, possui tempo de exibição e produção delimitados pelo padrão nacional da emissora – cerca de 30 minutos e exibição noturna diária – com a caracterização de apresentação de reportagens locais factuais, vinheta padrão, participação variada de repórteres e intervenção de um apresentador, no caso específico, do gênero feminino.

As demais emissoras de televisão não possuem programação jornalística local periódica.

Feita a contextualização do telejornalismo regional, passa-se à apresentação do recorte desta pesquisa, cujo conteúdo é composto por três programas diários veiculados em rede para todo o estado de Rondônia, a saber:

TV Rondônia – reportagens dos jornalísticos *Amazônia TV e Jornal de Rondônia*, que possuem produção editorial diferenciada em razão do horário de veiculação e público-alvo distintos. O primeiro exibido é no início da tarde, com informações factuais, porém com foco para comunidade, utilidade pública, prestação de serviço e comportamental; e o segundo, com transmissão no início do período noturno, tem conteúdo voltado ao resumo dos principais acontecimentos do dia de forma sucinta e direcionada a editorias como economia e política.

As reportagens selecionadas, sob os títulos *floricultura/mulher* e *comportamento/mulher*, foram produzidas e executadas, respectivamente, pelas repórteres Cléo Subtil e Emanuela Palma. A primeira totaliza dois minutos e quatro segundos de duração e a segunda, dois minutos e vinte

e três segundos, ambas veiculadas no Dia Internacional da Mulher.

TV *Candelária* – perfis veiculados no jornalístico RO *Record*, com produção local e segmentação estrutural de blocos e nome determinado pela rede nacional. A exibição do telejornal é noturna, contemplando público com interesse em notícias com conteúdo dos fatos do dia e temáticas comportamentais em dias comemorativos instituídos.

O conteúdo selecionado para estudo é intitulado *A força Rosa Choque*, com a produção de três matérias compostas por perfis de mulheres de Rondônia em algum cenário profissional ou pessoal do interior de Rondônia. A produção e execução são das repórteres mulheres Michele Parise, da cidade de Ariquemes, Alana Selhorts, de Rolim de Moura, e narração sem identificação de repórter de Cacoal. A série foi dividida em três partes, sendo a primeira exibida no dia 03 de março, sobre mulheres com profissão convencionalmente masculina (mecânica), com dois minutos vinte segundos de duração; a segunda, em 4 de março, sobre mulher policial bombeira, um minuto e dez segundos; e terceira, na véspera do Dia Internacional da Mulher, sobre uma empresária rondoniense de sucesso, com duração de três minutos.

TV *Allamanda* – a veiculação em tela se deu no programa jornalístico de variedades *Allamanda Revista*. Trata-se de um clipe musical sem narrativa verbalizada em que são apresentadas várias cenas enfatizando a mulher no cotidiano profissional, em casa, passeando nas ruas e pontos turísticos da capital, Porto Velho. Não há identificação de repórter e possui duração aproximada de dois minutos.

4 Definição de operadores e análise do *corpus*

Pelo fato de a ACD propor um programa analítico altamente sofisticado, que tenta abarcar todas as instâncias e relações possíveis entre determinada prática social e discursiva, optou-se – para atender à demanda desta etapa preliminar da pesquisa em andamento – pela concentração em apenas algumas variáveis. No entanto, o objetivo é cumprir todo o esquema metodológico, a fim de conhecer verticalmente a realidade em foco e propor mudanças efetivas, como prevê o projeto em relação ao qual este trabalho constitui parte inicial.

Isto posto, foram excluídos desta análise os seguintes itens apresentados pela Análise Crítica do Discurso: 1. Dimensões da Prática Discursiva e 2. Análise de Prática Social. Evidente que tais elementos estão sempre no horizonte da análise e adiamentos não significam exclusão, mesmo porque, como refere Fairclough (2001, p. 101), “nunca se fala sobre aspectos de um texto sem referência à produção e/ou à interpretação textual”. Assim, por questão de opção metodológica, o estudo concentrou-se na análise do material telejornalístico que compõe o *corpus* em sua dimensão textual. Vale assinalar que textos são concebidos como materializações discursivas de eventos comunicativos, sociais, políticos. Assim, por texto, não se concebe apenas o uso discursivo da linguagem verbal, ainda mais quando se aborda a mídia televisiva, cuja multimodalidade é intrínseca, não podendo, portanto, ser ignorada a diversidade de regimes de significação implicados.

A fim de concretizar a leitura proposta, denominada por Fairclough (2008) de “micro-

análise da prática discursiva”, optou-se pelos seguintes operadores de análise:

- Gêneros jornalísticos empregados para a abordagem do tema;
- Enfoque dado às matérias sobre o Dia da Mulher;
- Fontes consultadas;
- Modos de construção das personagens;
- Multimodalidade (escolhas lexicais e elementos da linguagem televisiva, com ênfase em enquadramentos, planos, edição, uso de BG).

Antes da análise propriamente dita, é válido ressaltar que a formulação de gênero a orientar este trabalho é a de Bakhtin (2003), segundo a qual cada atividade gera tipos relativamente estáveis de enunciados, concebidos sempre como resultados oriundos do interior de determinada esfera prática. Tais tipos caracterizam-se, necessariamente, por: um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. O primeiro é definido como “todo o domínio de sentido de que se ocupa um gênero” (cf. Fiorin, 2009). Por construção composicional, compreende-se “o modo de estruturar o texto” (enunciado). Quanto ao estilo, corresponde à “seleção de meios linguísticos (sintáticos e lexicais) [utilizados] para dizer algo.” Tal seleção deve ocorrer em função de dois elementos: “imagem do interlocutor” e projeção da “compreensão responsiva ativa do interlocutor”.

Considerado isto, procede-se doravante à análise de cada telejornal que compõe a amostra selecionada:

– Amazônia TV e Jornal de Rondônia, da TV Rondônia (afiliada Rede Globo);

Mesmo considerando o apelo ao consumismo em datas comemorativas instituídas pela sociedade observa-se, no *corpus*, a preocupação sintética noticiosa das reportagens intituladas floricultura/mulher e comportamento/mulher, uma vez que ambas apresentam características de noticiabilidade, como a factualidade e sua relação com a temática abordada.

Na narrativa da primeira reportagem, são usados termos clichês como “...não importa a cor. Não importa o nome”, ao mencionar que a mulher pode aceitar qualquer variação de flores e “se encanta com a peculiaridade do perfume natural” – como entoa a repórter ao descrever o sentimento de uma mulher ao ser presenteada.

O texto caracteriza o aspecto determinante na editoria de economia, ao destacar o aumento das vendas em floriculturas da capital Porto Velho na data. Mas também lança mão do comportamento convencionalmente entendido como emotivo das mulheres, ao descrever situações para o presenteio de flores, como “...alegrar, reconciliar, pedir perdão”, indicando o objeto de desejo não mais como uma simples lembrança, mas dispositivo de soluções e problemas familiares. Assim, reforça-se a idéia que circula socialmente de modo dominante, segundo a qual as mulheres devem sempre perdoar, esquecer quaisquer eventualidades negativas, para preservar a coesão da família.

Quanto às fontes consultadas, no direcionamento editorial de economia, a gerente da floricultura é entrevistada para reafirmar o alto índice de vendas temporal, seguido de uma narrativa em *off* sobre a tentativa de um gênero de sensibilizar a sogra. Com isso,

repete-se o senso comum, segundo o qual a sogra de um homem é sempre uma adversária do casamento.

O desfecho da reportagem apresenta a variação de clientes em busca do produto durante o Dia Internacional da Mulher, insinuando que a data envolve sensibilidade mas, sobretudo, apenas para um aspecto reconhecível na televisão como um todo: o apelo ao consumo, seja de modo velado ou não. Aspecto este evidente na forma de veiculação da imagem, no contraste entre a beleza do produto, a forma de possuí-lo e a satisfação de quem o adquire ou o recebe, como demonstrado na reportagem com a feição do gênero consumidor ou da gerente exaltando bônus nas vendas.

Já na reportagem intitulada *comportamento/mulher*, mais uma vez é verificado o significado convencional atribuído como natural, o pendor feminino para o cuidado com o corpo, com a beleza, ao descrever a narrativa com as palavras “... o universo feminino é cheio de mistérios; neste mês, muitos detalhes não passam despercebidos. Podem ser loiras, ruivas, pardas, morenas, crianças, jovens, adultas ou idosas. A maioria tem em comum uma companheira inseparável: a vaidade”. A reprodução do senso comum revela-se na reportagem com imagens de mulheres de várias idades e que expressam características diferenciadas, mas comumente associadas na televisão.

Mas, assim como na reportagem anteriormente analisada, os critérios de noticiabilidade são respeitados, com apontamentos de informações sobre pesquisa atual do Ibope Mídia, demonstrando o comportamento da mulher contemporânea em relação à própria saúde, relacionamento sexual com proteção e o consumismo. A ideia deste último item

identifica a ação da mulher como “habitual”, ao relacionar um percentual de “69%” de compras diárias, induzindo ao reforço do estereótipo segundo o qual as mulheres pendem naturalmente para o consumismo. O desfecho da reportagem confirma a prerrogativa com uma entrevista única.

– RO Record, da TV Candelária (afiliada Rede Record/Record News);

Por meio de tentativas de construção de perfis, a emissora exibiu, durante três dias, o cotidiano de três mulheres moradoras de municípios do interior de Rondônia. Com duração média de dois minutos e sempre no fechamento do telejornal, a peculiaridade do conteúdo é a caracterização geográfica da mulher, ao indicar tratar-se de profissionais dotadas de traços de feminilidade apesar de exercerem profissões convencionalmente masculinas.

Na análise inicial dos perfis, ora cada repórter enfatiza a força feminina, como é enunciado no próprio título da série jornalística, ora destitui tal força, ao enfatizar a sensibilidade a florada da mulher como signo de fragilidade. Pelo exposto, observa-se o encaminamento contraditório do discurso da emissora.

Narrativas como “... hoje, a submissão ao homem deixou espaço para uma mulher bem mais confiante...” ou “... quem pensa que a função dela é só atrás do balcão, se enganou. Ela põe a mão na massa”, ambas no conteúdo sobre a mulher mecânica, descaracterizam a ação da mulher na sociedade, vez que a “submissão” e “por a mão na massa” discriminam e reforçam a ideia indicativa, respectivamente, sobre todas as mulheres e homens.

As imagens e histórias de vida nos perfis acentuam a imagem de uma mulher contemporânea que trabalha em profissões diferen-

ciadas, mas o discurso do interlocutor só reproduz o discurso do senso comum de que o lugar dela, da mulher, não deveria ser aquele, mas aconteceu, por sorte ou um esforço descomunal que, aparentemente, seria mais natural ao gênero masculino.

Outro exemplo do conteúdo abordado na série é o destaque de uma profissional que trabalha no segmento de segurança pública. Pela seleção de uma mulher policial bombeira do interior do estado, mostrada em *close*, a matéria enfatiza a vaidade da mulher como se, só pelo fato de ser a profissional que é, não seria natural ter tais características. A ideia é reforçada no trecho: “... era para ser a cena comum da rotina de qualquer mulher, se não fosse o fato de *fulana de tal* ser soldado”, aliada à imagem com o efeito de *slow motion* e a trilha musical do filme *Uma linda mulher*.

No último perfil, sobre uma empresária bem sucedida, a repórter menciona o funcionamento das empresas da família, destacando a fragilidade feminina, exposta e repetida no discurso social: “... ela garante que o fato de ser mulher não atrapalha os negócios”. Frase que denota a possibilidade da imagem ou representação feminina ainda caracterizar dúvidas sobre qualquer ação ou função de comando desempenhada por mulheres.

No exemplo em questão, o critério de noticiabilidade é a própria data comemorativa e o conteúdo geral dos perfis reproduz a visão dicotômica entre feminino e masculino (o que é papel da mulher, transgressão, papel de homem). Mas, na verdade, nada há de transgressão, apenas a reprodução da ideologia dominante, segundo a qual a mulher deve cumprir múltiplos papéis e ser feliz, atendendo a família e se enfeitando.

– Allamanda Revista, da TV Allamanda (afiliada SBT).

O clipe musical simples, sem narrativa verbalizada, apresenta cenas de várias mulheres passeando em *shopping* da capital, meninas e adolescentes nas praças da cidade, imagens de arrumação de cabelos, vaidade (estampada pela escolha de roupas e acessórios em lojas de artigos femininos), caracterizando as “faces do feminino” e reforçando estereótipos, ao afirmar que mulher combina com o sensível, com o alegre, com o amor e a união. A música instrumental tem sentido que apela ao romantismo, reforçando a ideia de sensibilidade feminina.

As cenas que mais se repetem são enquadramentos em *close*, destacando sorrisos e detalhes de objetos associados ao universo feminino como brincos, mulheres retocando maquiagem, conversando entre amigas e consumindo em lojas populares ou simplesmente sentadas ao ar livre com cenas em contrastes com flores e o por-do-sol no desfecho do clipe.

Considerações

Feita a leitura do *corpus*, conclui-se que a abordagem do tema “mulheres” realizada pelo telejornalismo de Rondônia é rasteira, atendo-se exclusivamente ao nível do senso comum, o que significa alta produção de consenso e naturalização de sentidos que são social e culturalmente produzidos e institucionalmente veiculados.

Sobre a questão em tela neste trabalho, defende-se que qualquer mirada orientada para a denúncia da naturalização do que é “ser mulher” na sociedade brasileira contemporânea deve, de acordo com Butler (1998), “mobilizar os significantes a serviço de uma

produção alternativa”, deslindando os atos constitutivos e, por que não dizer, discursivos, que conferem estatuto ontológico positivo aos estereótipos, isto é, a certa “aderência forçada” entre referentes e significados. A idéia é “descolonizar a representação, isto é, problematizar a legitimidade da representação (estética e política), ao interrogar aos sistemas de poder que autorizam certas representações, enquanto outras são obstaculizadas, proibidas ou invalidadas” (cf. Preciado, 2007). Infelizmente, não é a denúncia ou a proposta de alternativas ao senso comum que permeia o discurso dos telejornais de Rondônia mas, justamente, o contrário: mera reprodução de convenções e reforço do androcentrismo da mídia e da cultura locais.

Dado o exposto, observa-se que o telejornalismo local atua na contramão das demandas e conquistas da sociedade, mais notadamente das minorias representativas pois, enquanto a sociedade demonstra abertura – e mesmo os meios de comunicação propõem, em alguns casos, regimes de visibilidade diferente sobre determinadas questões e sujeitos, levando ao limite a lógica da produção performativa da identidade (cf. Preciado, 2008) –, o telejornalismo produzido em Rondônia não tem maturidade para explorar possibilidades diferentes das dicotomias tradicionais no que diz respeito às questões de gênero, generalizando e uniformizando sujeitos que são, na realidade, diversos e difíceis de classificar em papéis e condições convencionais. Com isso, conclui-se que a produção jornalística televisiva local não atenta para demandas sociais e presta, inclusive, um desserviço à população, ao optar pelo reforço de estereótipos.

Contra isso, as orientações a serem seguidas são: 1. Que se reveja a própria denomi-

nação “mulher” ou “mulheres” de modo uniformizante, pois isso agride todo “um campo de diferenças indesignáveis (...) permanentemente aberto e passível de ressignificações (cf. Butler, 1998); 2. Problematizar os estereótipos por meio da abordagem das subjetividades excêntricas; 3. “apontar os recursos da identidade como possíveis lugares estratégicos de ação política, defendendo a ideia de microidentidades, cujo mecanismo deve ser a utilização da própria subjetividade como terreno de experimentação” (cf. Preciado, 2008). Assim, talvez se possa pensar em uma sociedade que favoreça a emancipação humana, concretizável apenas se os discursos dominantes forem revistos, assim como as práticas vivenciais e as performances de gênero. Para tanto, contribuem enormemente tanto os EGF como a ACD, instrumentos teórico-metodológicos fundamentais para o entendimento da sociedade e para que sejam possíveis novas – e igualitárias – perspectivas para os sujeitos no mundo contemporâneo.

Bibliografia

- Albuquerque, L. (2009). *Da caixa francesa à internet – 100 anos de imprensa em Rondônia*. Porto Velho [s.n.]. CDU 070.
- Albuquerque Jr., D.M. de. (2008). *Receitas regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico*. Rio de Janeiro: ANPUH, (Anais).
- Bakhtin, M. (2003). *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra*;

- prefácio à edição francesa Tzevtan Todorov*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Borzacov, Y.P. (2007). *Porto Velho – 100 anos de história (1907-2007)*. Porto Velho: Instituto de Estudos e Pesquisas Ary Tupinambá Penna Pinheiro. Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia.
- _____. (2007). *Rondônia – espaço, tempo e gente*. Porto Velho: Instituto de Estudos e Pesquisas Ary Tupinambá Penna Pinheiro.
- Brito, M.N.C. (2005). *O gênero, a história das mulheres e a memória: um referencial de análise*. Disponível em: Lacult. Acesso em 15/2/2011.
- Butler, J. (1998). *Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”*. Cadernos PAGU, nº 11, p. 11-42.
- Carrillo, J. (2007). *Entrevista com Beatriz Preciado*. Cadernos PAGU, nº 28, jan./jun. , p. 375-405.
- Evangelista, H.A. (2007-2009). “A Amazônia brasileira no contexto da formação territorial brasileira” in *Revista da Sociedade Brasileira de Geógrafos*, vol. 2, nº 2. Disponível em: Socbrasileira. Acesso em 10/10/2010.
- Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social*. Brasília: editora da UnB.
- Fiorin, J.L. (2009). *A obra de Mikhail Bakhtin: conceitos-chave*. Curso ministrado entre 13 e 17 de abril, sob organização do NUPED-UFBA.
- Foucault, M. (2006). “Outros espaços” in *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Org., Seleção de textos Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Coleção Ditos e Escritos III).
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (s.d.) *Habitantes de Rondônia*. Disponível em: [hrefhttp://www.ibge.br/Ibge](http://www.ibge.br/Ibge). Acesso em: 20 jun. 2011.
- Kofes, S. (2009). *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*. Disponível em: Ieg. Acesso em 25 de janeiro de 2011.
- Louro, G.L. (1998). *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mariano, S.A. (2008). “Modernidade e crítica da modernidade: a sociologia e alguns desafios feministas às categorias de análise” in: *Cadernos Pagu*, nº 30, jan/jul, p. 345-372.
- Oliveira, O.A. (2001). *História, desenvolvimento e colonização do Estado de Rondônia*. 4ª ed. Porto Velho: Dinâmica Editora.
- Portal Amazônia. (s.d.). *Rede Amazônica*. Disponível em: Portal. Acesso em: 20 jun. 2011.
- Rede TV RO. (s.d.). *Rede TV em Rondônia*. Disponível em: Rede TV RO. Acesso em: 20 jun. 2011.

- Rodrigues, R.H. (2005). “Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin” in: Meurer, J.L.; Bonini, A. & Motta-Roth, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Scott, J. (1995). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” in *Educação e Realidade*. Porto Alegre, RS: vol. 20, nº 2, julho-dezembro.
- _____. (1992). “História das Mulheres” in Burke, P. (org.). Trad. Magda Lopes. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Silva, A.G. (1991). *Amazônia – Porto Velho: pequena história de Porto Velho*. Porto Velho: Palmares.
- TV Candelária. (s.d.). *Sistema Imagem de Comunicação – TV Candelária*. Disponível: TV. Acesso em 20 jun. 2011.
- Van Dijk, T.A. (2008). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.
- Woodhead, L. (2002). “Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica”, Trad. de Déborah Pereira, in *Revista Estudos da Religião*, nº 1, p. 1-11.